



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Cristina Gema Picolli Cesa FG181

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.016.SIN e TRA

Entrevistado/a: Cristina Gema Picolli Cesa

Entrevistador/a/es: Sônia Storch Fries e Susana Storch Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 10 de outubro de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Origem familiar.

Brincadeiras infantis: brinquedos de meninos e de meninas. Infância: afazeres infantis (colônia).

Trabalho na colônia.

Comportamento: respeito das crianças aos mais velhos

Religiosidade. Missas de domingo: frequência, hábito. Cobrança na escola ao comparecimento à missa de domingo.

Visitas de familiares. Domingos: almoços, lazer. Filó.

Iluminação: *charetos* de querosene.

Festa de Nossa Senhora da Saúde: dia, missa, festa, procissão, jogos.

Festa de Santa Catarina: piqueniques (alimentação, diversão), superstição.

Festa de Santa Teresa: comemoração

Casamento: *colacion*, ida dos noivos à igreja, festa.

Páscoa: celebração.

Natal: religiosidade, crença, presentes, celebração.

Ano-Novo: procissão e visitas às casas.

II Guerra Mundial: reflexos em Caxias do Sul (dificuldades), procissão e comemoração pelo fim da guerra e da seca que castigava a cidade.

Transcrição:

Sônia: O seu nome completo?

Gema: Cristina Gema Picolli Cesa.

Sônia: Dona Gema, a data do seu nascimento?

Gema: Trinta e um de agosto de 1930.

Sônia: De [19]30?

Gema: É.

Sônia: E a sua profissão?

Gema: Aposentada. E sou instrutora de bordado, tricô e crochê.

Sônia: Dona Gema, a procedência, de onde vieram os seus pais?

Gema: Os meus pais são brasileiros, nasceram aqui em Caxias e... Meus avós que são de origem italiana. Vieram da Itália, né? Tanto por parte da mãe como por parte do pai.

Sônia: E, dona Gema, por que eles vieram da Itália e vieram para cá? Chegaram a comentar?

Gema: Ai, meu Deus!

Sônia: Não, tudo bem. Dona Gema, então, vamos fazer o seguinte: fale um pouquinho da sua infância. O nome dos pais?

Gema: Meus pais são Teotestoli e Adelina Tomazoni Picolli.

Sônia: Então, dona Gema, como é que foi a sua infância? As brincadeiras que a senhora fazia... De quê a senhora brincava?

Gema: A gente brincava de boneca, brincava de comadre, né? E... os meninos brincavam de caminhãozinho, jogavam bolinhas. E se fazia as bolas... bolas, assim, de... de meias, né? E eram estes os brinquedos: caminhõezinhos feitos por eles, né? As bonecas feitas por nós mesmas, bonecas de pano, né? Feitas por nós mesmos. E a gente brincava assim. De vez em quando, eles... ficavam assim: a gente fazia aquela briguinha, derrubavam tudo o que a gente fazia, tá? Esses eram os nossos brinquedos.

Sônia: Assim, as bonecas eram feitas de pano? Como é que vocês faziam essas bonecas, dona Gema?

Gema: Ah! A gente pegava, assim, uns pedaços de pano, de lençol velho, costurava com os retalhinhos, fazia as roupinhas... Ou então a gente pegava uns panos, assim, essas roupas, enrolava e dizia que era boneca. A gente brincava com isso aí.

Sônia: E os meninos e as meninas brincavam juntos ou não?

Gema: Às vezes brincavam junto e, às vezes brincavam com o s brinquedos deles, que eram, assim, os carrinhos feitos por eles mesmos, né? E... ou jogavam bolinhas, ou então pião. Eles faziam aqueles piões, sabe? Com barbante. Eles mesmos que se faziam os carrinhos de lomba, carrinhos, assim, de... “carioletes”, como eles diziam. E eram feitos por eles mesmos.

Sônia: Dona Gema, quando a senhora era pequena, como é que seus pais se divertiam? A sua mãe, o seu pai.

Gema: Tinha pouco divertimento. A minha mãe teve um filho por ano, quase. Nós éramos em quatorze irmãos e a gente não, não brincava com os pais, sabe? Até os seis anos, ainda a gente... ah... como é que se diz...? A gente levantava tarde de manhã e dormia cedo de noite, enquanto o pai saía cedo de manhã. E, quando ele voltava da colônia, que ele trabalhava com os empregados, voltava e já encontrava as crianças todas na cama, pra não perturbar aqueles que vinham cansados do trabalho, né? E a minha mãe, o trabalho dela era cuidar dos filhos dela. Ainda naquela época, quando a gente era criança, tinha um outro tio, que morava em família. E essa minha tia também tinha um filho por ano. Então, ela ia pra colônia e deixava as crianças pra minha mãe cuidar. Então, eram os filhos dela e os da minha tia, e cuidar da casa, cuidar dos animais, né? Eu sei que eles tiveram uma vida que eles não puderam dar carinho pros filhos, sabe? Além do mais, quando a gente sentava, assim, à mesa pra jantar ou almoçar, que a gente se encontrava, assim, que a gente tinha todo o respeito com os pais. Nós sentávamos em doze, quinze à mesa e ninguém piava. Era aquele respeito, sabe? Até pra pedir um pedaço de pão a gente pedia assim: [fala baixinho] “Me alcança o pão”. A gente tinha bastante receio do pai.

Sônia: E eles tinham o costume de fazer visitas entre as famílias, dona Gema?

Gema: Poucas.

Sônia: Poucas.

Gema: Poucas visitas. A gente recebia visitas dos tios. Os tios vinham. Nós tínhamos tios que moravam numas outras cidades, né? Então, quando eles vinham, a gente... Eles ficavam um dia ou dois e era a visita. Ou outros tios, que vinham mais pra fazer visita ou por doença. Ou quando elas ganhavam nenê. E assim eram as visitas dos meus pais.

Sônia: E no domingo, o que que se fazia?

Gema: Bem... no domingo, quando a gente era criança, nós íamos à missa. Ela preparava todos os filhos dela, né? E nós íamos à missa, ou na Catedral, ou em São Pelegrino. O meu pai tinha um carro. Naquela época, Ford Bigode, né? Carregava doze, treze filhos no carro, e vinha pra missa. Nós íamos à missa em São Pelegrino e todo mundo ficava admirado de ver aquela mãe com aquela filharada, né? E, quando era de tarde então, tinha o terço na capela, e a gente ia no terço rezar e voltava. Quando era aí no escurecer, todo mundo tinha que estar em casa.

Sônia: E que outros divertimentos, dona Gema, tinha no domingo? Só isso?

Gema: Enquanto era criança, sim, só tinha esses divertimentos nos domingos.

Sônia: E cinema... ah...

Gema: Cinema, a gente não conhecia cinema.

Sônia: Não conhecia?

Gema: Quando a gente era criança, não, não se conhecia cinema, não tinha. Não tinha luz, não tinha rádio, não tinha nada, né?

Sônia: E, dona Gema, o seu pai tinha costume de caçar?

Gema: Não.

Sônia: Nem de pescar?

Gema: Não.

Sônia: Não. Tem, dona Gema, outra coisa que eu quero perguntar: e os natais, como é que eram?

Gema: Ah! O natal era uma coisa maravilhosa pra gente, porque... assim que a gente preparava tudo pra receber o menino Jesus, e vinha... A gente sempre que recebia o menino Jesus com a mulinha né? Que ele vinha de mulinha. Então, preparava aquele pratinho com água, botava farelo, e no outro dia então não se encontrava mais nada, né? No pratinho, tu encontrava uma moedinha, ou umas balinhas, ou então uma bonequinha que cabia na palma da mão. E a gente se sentia feliz da vida por ganhar isso aí. E depois, era a missa pra nós. A missa era muito importante, a missa do Natal. E assim, de meio-dia, então, a gente fazia aquele almoço em família, né? E, de tarde então, a gente saía, ia no terço. E assim se passava o natal da gente.

Sônia: Da sua infância, mais o que a senhora gostaria de falar, dona Gema?

Gema: Ai! Da minha infância, o que que eu podia...? Que não tinha tanta maldade como hoje em dia. Era tudo tão bonito, tudo, assim, tudo mais livre, assim, mais... As brincadeiras, assim, eram mais limpas e... e a gente se gostava muito mais do que hoje em dia.

Sônia: E a sua juventude, dona Gema, como é que foi?

Gema: Trabalho, muito trabalho. De criança também nós éramos assim. Voltando à pergunta: de criança, quando nós estudávamos, então nós éramos em sete; um ano, nós éramos em sete irmãos que estudavam. De manhã a gente ia à aula e, quando era de tarde, tinha que ir pra colônia ajudar a trabalhar, né? E os temas eram feitos tudo de noite. Naquela época, não existia luz, então era com *chareto* de, de querosene, né? E, às vezes nem querosene não existia. Na época que teve a guerra, então a gente fazia aqueles *charetos* com... Como é que se diz...? Com aquele estopim, e botava... banha, né? Então, botavam aquela mesa assim; botavam na mesa sete, oito crianças ali que estudavam, e os irmãos mais velhos, que trabalhavam pra fazer o enxoval. Naquela época, não se comprava nada. Se comprava... Não se comprava nada feito, né? Era feito tudo pelas mãos das irmãs mais velhas, né? E a outra pergunta?

Sônia: A outra pergunta, dona Gema: tinha divertimentos na sua juventude? Que tipo? Namorar, ir à missa...?

Gema: Sim, era a missa. Nós saímos a pé de Nossa Senhora da Saúde e nós íamos até em Santa Corona, ou vinha em São Pelegrino ou na Catedral. Sempre quando nós íamos na Catedral, na missa

das nove, e depois então, fazíamos aquele passeio na praça, e voltávamos a pé, não havia ônibus, voltávamos a pé do centro até Nossa Senhora da Saúde.

Sônia: As festas de Nossa Senhora da Saúde ou lá do Bairro Santa Catarina, o que a senhora se lembra?

Gema: Ah sim! As festas de Nossa Senhora da Saúde eram... Era maravilhoso, muito melhor do que hoje em dia. Preparávamos a festa, fazia uma *sagra*, convidavam assim, os parentes, né, os tios, as tias, amigos e... Se preparava a *sagra*, como diziam. E a missa, e a missa era de bastante devoção assim, que tinha... Como que se diz? Uma turma daqui da cidade que ia até Nossa Senhora da Saúde a pé. Eles faziam aquela procissão... Era muita devoção, muita devoção que a gente tinha. Assim que na... na... Preparavam, assim, a... Vinha muita gente de fora, a cavalo, né? Traziam comida, faziam os piqueniques, compravam churrasco, e o almoço, sempre umas cento, cento e poucas pessoas, né, na... no salão. E... havia alto falante... Então, a gente fazia as dedicatórias pros rapazes, os rapazes faziam pras moças [risos]. Era muito divertido depois da missa, assim. E, na véspera, a gente preparava, assim, a... enfeitava. Fazia as bandeirinhas, enfeitava aqueles palanques tudo com flores. E fazíamos a procissão no dia da festa. A gente caminhava quase um quilômetro fazendo procissão, sabe? [risos] E, hoje em dia, a coisa mudou bastante.

Sônia: Que tipos de jogos... ah... dona Gema, vocês faziam nas festas?

Gema: Assim, nas... nas festas...

Sônia: Tinha... Na festa da padroeira, no caso, Nossa Senhora da Saúde.

Gema: Ah! Tinha... Como é que se diz...? Era a roda da fortuna. E aquela lá... Como é que se dizia...? A árvore da sorte, a pescaria, né? Botavam, assim, os brindes dentro da serragem, e íamos lá e pescávamos. Ficávamos felizes da vida com isso ali. E... eu acho que eram só de jogos, assim, sabe?

Sônia: E tinha baile?

Gema: Não, não. Vou te contar uma, agora... No dia da festa mesmo, no dia da festa de Nossa Senhora da Saúde, caía em dia de semana, que é no dia vinte e um de novembro, né? A festa sempre era feita num domingo antes ou logo no domingo seguinte. No dia da festa, mesmo, da Padroeira, fizeram uma missa de manhã e, de tarde, se reuniram uma turma, assim, os moradores de Nossa Senhora da Saúde. Inventaram de... Tocaram gaita e fazer baile, né? Tu sabe que teve um padre que quase excomungou a minha mãe? Por causa que era dia de Nossa Senhora e fizeram um baile?

Sônia: E não podia fazer?

Gema: Não podia fazer.

Sônia: Dona Gema, a gente sabe que ali no bairro Santa Catarina, no dia da festa de Santa Catarina, as famílias da cidade iam fazer piqueniques. Fala alguma coisa sobre isso... se a senhora lembrar.

Gema: Pois é. Não era só Santa Catarina, como era no Nossa Senhora da Saúde também que faziam... faziam piqueniques. Eles levavam, preparavam na véspera. Preparavam, assim, cozinhavam uma galinha, faziam uns doces, umas cucas, e levavam. Sentavam debaixo das árvores e... faziam aquele piquenique divertido. E era assim que quase ninguém ia em salão, assim, pra... pra almoçar, né? Depois, Santa Catarina também era muito bonita. Enfeitavam aqueles palanques tudo com bandeirolas, como se diz, né? Eram todos tecidos coloridos. A coisa mais linda, ali na frente da igreja. E os piqueniques eram quase que nem, assim, os de Nossa Senhora da Saúde, que eles...

Sônia: E era perto ali do arroigo do Tega? O arroio do Tega passava por aí, né?

Gema: Passa, passa por aí.

Sônia: Passa por aí. E eles aproveitavam o rio...?

Gema: E tanto que uma vez eles chegaram até a vender água, né? [risos] Os caras que queriam tomar água... E venderam água. E depois, daí por diante, então, diz que quase todos os dias da festa chovia, né? Não era permitido isso aí.

Sônia: E as festas da sua família, dona Gema, como é que eram?

Gema: Bem, as festas da minha família... eram realizadas assim: quando as minhas irmãs mais velhas casavam, de manhã eles faziam, assim... ah... como é que se diz?... ah... *colacion*. Era a merenda. Então, vinha... vinham os noivos, buscavam a noiva em casa, e preparavam assim, buchada pro café, com doce. E depois saíam... né? Saíam e iam pro casamento. O casamento era sempre realizado na [igreja] Catedral naquela época. E o casamento assim, era... os noivos saíam a cavalo. E depois, a festa, o almoço era... na casa do noivo... E as nossas festas também, além dos casamentos, que eram realizados em casa... No dia da padroeira que a gente fazia a *sagra* em casa. E natal... No natal também a gente se reunia, toda a família e... vinham os parentes, amigos, né? E... páscoa também. Páscoa era, assim, bastante lembrada, mas como a ressurreição de Nosso Senhor. E, assim, que... não se sabia o que era chocolate, o que eram ovos, né...? E, nas festas de natal, também a gente ganhava uns brinquedinhos, mas era brinquedo pequenininho, ou então era uma roupinha pra cada uma. A gente se sentia feliz da vida com isso aí.

Sônia: E as visitas, dona Gema? De parentes.

Gema: As visitas eram mais para doenças, né? Ou nascimento de crianças. Então, vinham as comadres fazer visita, traziam uma galinha pra cada uma... E aí faziam um brodo dos quarenta dias de quarentena da mãe, né?

Sônia: Ah! As visitas que traziam...?

Gema: Sim, traziam. A maioria traziam galinhas, né? Ou então um retalho para fazer uma roupinha para a criança que havia nascido, né? E...

Susana: Dona Gema, o que conversavam nessas visitas, quando essas pessoas iam visitar? Porque a sua mãe tinha nenê... O que conversavam nessas visitas?

Gema: E tu acha que a gente podia escutar as conversas? [risos] Nós, crianças, nunca escutávamos as conversas dos mais velhos.

Sônia: E eles ficavam onde? Vocês ficavam na sala ou eles ficavam na sala conversando?

Gema: Eles ficavam na sala, e nós ficávamos na cozinha, ou tu saía de dentro de casa. Saía para brincar, né?

Sônia: Não era permitido?

Gema: Não era permitido. Não, não. A gente nunca escutava as conversas dos mais velhos. A gente sempre respeitava, né?

Sônia: E, dona Gema, as festas de Santa Teresa?

Gema: As festas de Santa Teresa também era... pra nós, era que nem as festas de Nossa Senhora da Saúde. Então, era assim: a gente ia à missa... E nós tínhamos amigos aqui na cidade, e nós éramos convidados para participar, assim, no almoço, que também faziam a *sagra*, né? Por exemplo, na família Sartori. Era a família... como é, meu Deus?... Muratore. E eram... eram muito amigos da família. Então, a gente se trocava: o dia da festa de Nossa Senhora da Saúde com Santa Lúcia... Aliás...

Sônia: Santa Teresa.

Gema: Santa Teresa. E era uma festa muito bonita, assim. Mas é que, ultimamente, foi tão trocado que a gente quase não... Não se pode dizer nada, né?

Susana: Dona Gema, como é que eram realizados os filós, dona Gema? Como é que eram as conversas nesses filós que vocês...?

Gema: Olha, os filós, pra nós, foram muito poucos. Porque, assim, que... de dia tu tinha que trabalhar e, de noite, então, a gente... Como te disse, as minhas irmãs trabalhavam, faziam o enxoval delas e a gente, que era criança, fazia os temas, né?

Susana: As tarefas da escola?

Gema: É.

Sônia: O que a senhora gostaria de falar, dona Gema? Pode falar à vontade.

Gema: Eu quero falar pra vocês... o dia primeiro do ano. Como era bonito o primeiro do ano pra gente! Que data maravilhosa! Assim, os rapazes... esperavam a meia-noite, lá na igreja. Tocavam o sino, os três sinos, né? Depois eles saíam, iam de família em família para dar o feliz ano novo... Então, eles chegavam na casa da gente, a gente preparava aquela mesa... com cucas, com doces, café, vinho, saíam felizes da vida. Então, saíam de uma casa e iam numa outra. Pra nós, crianças, e as minhas irmãs mais velhas, finalmente, toda a família... O dia primeiro do ano pra nós era tão

bonito! Porque a gente levantava cedo e abria a porta do quarto, e dava o feliz ano novo pros pais: “*Bom principio de ani, pupá e mama*”. Então, eles pegavam uma moedinha pra cada um, e davam essa moedinha. A gente ficava feliz da vida, sabe? Nós tínhamos todo respeito. Uma festa muito bonita, o dia primeiro do ano.

Sônia: Dona Gema, a senhora está livre pra falar o que a senhora quiser, do que a senhora se lembrar... A senhora quer parar um pouquinho? Pode parar, dona Gema.

Gema: Acho que o que eu tinha que dizer...

Sônia: [inaudível] ...a senhora pode parar um pouquinho.

Gema: Duas em casa para fazer o almoço, né? Então, preparava... matava a galinha no sábado. Preparava tudo. No domingo, a gente saía e ia... Deixava duas em casa para fazer o almoço. Nós íamos, então, à missa todo mundo, com tanta devoção, né? Não é que nem hoje em dia, que a gente entra na igreja e não tem aquele baita respeito.

Susana: E quem ficava em casa, dona Gema? Eram as irmãs mais velhas ou...?

Gema: Uma mais velha e a outra mais nova, então. Porque, na minha família, tem... tem nove mais velhas que eu, né? Então, a gente sempre tinha uma pessoa mais velha, e a gente, mais pequena... Ficava uma pequena em casa com a mais velha para preparar a comida.

Susana: E os outros iam pra missa. E isso era sempre, todos os domingos?

Gema: Todos os domingos. A gente não falhava. Tanto que a gente ia na aula e a professora pedia quem tinha ido à missa... Aí, a gente tinha que dizer um trecho do sermão do padre, né? Alguma palavra que o padre tivesse dito no sermão. Daí, ela dava pontos. No fim do ano, somava aqueles pontos e a gente ganhava um prêmio de quem tivesse participado mais às missas nos domingos, né...? Vocês tem outra pergunta?

Sônia: Se a senhora tiver mais alguma coisa para falar, a senhora fica à vontade.

[pausa]

Gema: ...Tu falou dos piqueniques também, né? Os piqueniques eram muito poucos, os piqueniques. E assim que... Uma vez nós nos reuníamos em cinco, seis amiguinhos, e nós íamos fazer o piquenique. Assim que, fomos na casa da mãe de uma amiga... e fomos fazer sagu, né? Botamos dentro de uma panela, que a panela era de esmalte, mas só que tinha estragado o fundo, e mandou arrumar o fundo, né? Aí, foi mexendo, mexendo aquele sagu, mas sempre diminuindo, sempre diminuindo. “Mas como é que esse sagu tá diminuindo?”. Ela abre a gaveta do fogão, da cinza e o sagu estava todo lá dentro. [risos] A panela furou, vazou todo o sagu. [risos] Esse foi o nosso piquenique. [risos]

Sônia: [risos] Dona Gema, a senhora estava falando pra gente do período da guerra, né? Fala um pouquinho as suas lembranças do período da Segunda Guerra.

Gema: Bem... Na Segunda Guerra, na época da guerra, houve uma seca também. Mas, vou falar da guerra antes. Como é que é? Racionamento de querosene, gasolina. Então, como o meu pai tinha carro, ele teve que colocar o carro dentro da cantina. E ninguém podia mais sair. Todo mundo tinha que ir a pé se quisesse ir à missa, né? Para conseguir o querosene pra poder levantar de manhã cedo, tirar leite das vacas, que a gente levantava às quatro horas... Assim que... tinha que enfrentar fila pra ganhar umas duas garrafas de querosene... Então, calcula, né? Com duas garrafas de querosene, tinha que levantar às quatro horas e deitar cedo... pra não gastar. Não havia querosene. Ficava horas e horas na fila pra poder conseguir. E... o açúcar também era racionado. Naquela época, houve a guerra e houve uma baita seca. Então, fizeram uma procissão com a imagem de Nossa Senhora da Misericórdia que está no museu de São Liberal, que era o protetor das guerras, e São Miguel, que é padroeiro das enchentes, né? Fizeram a procissão de Nossa Senhora da Saúde até Santa Catarina e, de Santa Catarina, voltaram com as imagens nas costas, né? Com calor, muita poeira... Foi um sacrifício. Daí uns dois, três dias, veio a chuva e terminou a guerra. Com bastante reza, os padres capuchinhos, que existiam, estavam no seminário naquela época. Eram padres capuchinhos, né? Fizeram uma procissão muito bonita.

Sônia: Teve alguma comemoração quando acabou a guerra?

Gema: Os sinos, que tocavam. Os sinos da Catedral, os sinos de Nossa Senhora da Saúde. Tocaram os sinos. Têm outras perguntas?

Sônia: Se a senhora quiser falar mais alguma coisa...?

Transcrição em: 29 de setembro de 2000.

Por: Sônia Storch Fries.

Revisão e digitação em: agosto de 2007 e 27 de fevereiro de 2025.

Por: Denise Pellini e Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 28 minutos.

Observação: